

A perola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas*—

Semestre 250 reis
Com estampilha 300 reis
vulso. 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor

Antonio Augusto Veiga

Composição e impressão, Typ. «Ovarense»—Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Bello

REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes

ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

Os originaes publicados ou não, não se restituem.

Coisas Vareiras

«A Perola» com o seu sub-titulo de jornal litterario, parece-nos estar condemnada a ser eternamente ouvida como devaneadora romantica, ainda quando se accupe dos mais attendiveis assumptos.

Atrada ahi para o seio do publico por um punhado de rapazes, foram desde logo os seus escriptos relegados para o dominio das cantilenas que a mocidade costuma soltar ao vento em horas de bohemia.

De forma que os leem por passa-tempo e por curiosidade. Commentam-n'os com ares de mestre-escola, revendo traslados de meninos. E quando alguma verdade das muitas que aqui se teem estampado é de molde a encommodar alguma entidade superior cuja maior ventura consiste em abafar a propria consciencia, ha sempre o recurso do encolher d'hombros e do sorriso com que pretendem dar-lhe o caracter d'um simples dito agudo de quem d'algun modo intenta matar o seu tempo!

Ora, é pena isto, porque o sub-titulo pode coifar coisas d'um valor bem concreto e ás vezes, da bocca dos pequeninos sahem verdades perfeitas, que é preciso fazer ouvir oportuna e importunamente e que os grandes nem sempre teem coragem nem competencia moral de dizer.

Seria, pois, muito para

desejar que se attendesse ao que em prol do progresso d'Ovar aqui temos dito e diremos. São coisas indispensaveis para uma terra como a nossa, o que mais d'uma vez temos apontado. Coisas de grande monta...; as de pequena escampamos, sem modestia o confessamos, porque a nossa vista embora seja mais viva do que a d'um borrego, não possui a aguda penetração da do lynce.

Já n'um ligeiro e atabalhoado artigo aqui fallamos da necessidade de arborisar e alindar algumas praças e largos mais importantes.

Não por devaneio de quem quer entreter a sua... ociosidade, não por gosto de dar à taramela, mas para que fossemos ouvidos.

E com esse mesmo fim voltamos a insistir.

N'outras terras cuja população se acotovella muito menos que a nossa e cujos recursos não podem hombrar com os de que dispomos, não se tornaria necessario que a imprensa se desse ao incommodo de notar o defeito.

As corporações administrativas aquem aquellascosas competem ter-se hiam encarregado já ha muito de aproveitar em favor de todos aquillo que as nossas veem desprezando vergonhosamente.

O largo da Estação, ha annos baptisado com o nome d'um dos nossos mais notaveis escriptores modernos—facto com que nem elle nem a fama do litterato nada lucraram, pois o largo não passa ainda d'um pedaço de terreno... abandonado a monte, conhecido mais vulgarmente por Feira dos Doze, largo da Estação, e largo do Martyr—porque não é já hoje um delicioso parque, repetimos, visto não demandar isso grandes encargos?

Terraplanar e ensaibrar

onde necessario fôsse—eis o mais arduo da monumental e dispendiosa empreza!

Depois, que é que custava plantar com a symetria conveniente algumas dezenas d'arvores e velar por ellas até que a natureza as robustecesse e pozesse fóra do perigo do impune vandalismo d'algun goroto?

—Mas... dir-nos-hão, não sejamos nós mais exigentes que nossos avós, que passaram até e regaladamente sem o luxo de o lograrem mesmo assim como nós hoje o calcurriamos. Deixem então correr os marfins!

Pois deixem muito embora, mas não sem o nosso protesto contra tamanho desleixo, contra tão nefasta incuria.

E' preciso que se saiba que se nós estamos cada vez em peor situação quanto a melhoramentos, é porque o patriotismo das corporações que nos teem administrado, se tem limitado quasi exclusivamente ao horrendo sacrificio, à *termenda estopada*... de não fazerem, nem pensarem fazer cousa nenhuma que não seja em prol dos seus interesses individuaes e... dos amigos.

Afirmamos isto assim sem reboços, conscios de que a ninguem fazemos injuria, porque essa accusação tão cheia de verdade anda ahi na bocca de toda a gente e com certeza mais firme e clamante ainda na consciencia dos nossos proprios administradores.

E o commentario que sempre as remata é este: coisas vareiras!

Sim, velhas coisas só vistas na nossa terra, mas é bem que se lhes ponha termo immediatamente, porque é isso evitar prejuizos e vergonhas.

Voltaremos ao assumpto.

Eduardo.

Correio da casa

Da Ex.^{ma} Sr.^a D. Lina X. Castro Soares recebemos ha dias uma carta, em que se confirmam as nossas suspeições de que não estavamos sendo logrados por algum *espirituoso*, dando publicidade aos escriptos aqui recebidos com aquella assignatura.

Damo-nos por isso os parabens e aos nossos leitores, porque assim contamos na nossa phalange de collaboradoras uma das que mais encanto e graça hão de imprimir ás columnas da «Perola».

E assim é com o maximo prazer que iremos recebendo as primicias do talento poetico de V. Ex.^a.

Que magnifico outomno não estão a prometter os seus formosos dezoito annos, minha senhora!

Permitta que a saudmeos respeitosamente, como esperança muito feliz das nossas letras.

Philosophia caseira

Os homens politicos, como as mulheres da cidade, têm o seu coquettismo especial. Estas, para se fazerem appetecidas, dão-se ares de figurinhas de Sévres, finas, vaporosas, afogando a abundancia sadia das carnes palpitantes de desejos e exuberantes de seiva, n'um flexuoso espartilho inglez.

Os homens politicos, para treparem ás aguas-furtadas do poder, debruçam-se no corrimão do réclame, espartilhando os nervos saloios e a intelligencia bravia, no collete de forças d'uma mentira—a sociedade.

O bacharel que um dia esqueceu a aldeia, as botas de caça, os sonetos de lyrismo amarmelado, ao entrar em Lisboa com a casaca de pae da patria, enterra a sua arvore genealogica de commerciantes e artifices, para leiloar o caracter e a indomita sinceridade da palavra.

Quem mais dá?!... Quem mais quer?!...

O homem livre que nas eleições gingava o cacete, torna-se o villão sabujo, o miseravel que a ambição tortura e obséca. Trabalha, trapaceia para ser ministro ou salafrario de qualquer irmandade. Um brasão destumbra-o e envae-dece-o a curvatura da espinha do gallego do hotel.

O primeiro discurso na Camara, alentado de estylo e tuberculoso de ideias, abre-lhe as portas dos salões d'uma aristocracia de lentes e miserias, esfomeada, soffrega, que ladra a um osso e diffama por *dilletantismo*.

E' um passo mais para a realisação do seu sonho, a gloria que lhe vae dando palmadinhas na pança, uma amizade começada um tanto á *la diable*. E morreo homem para ficar a mumia—o politico.

Elle sabe que, sob os peitinhos insidiosos de marquezes e banqueiros, palpitam corações de lama, correm torrentes d'odios e n'aquellas toilettes de rendas e sêdas, sob montões de joias, ha mulheres que se vendem por um ramalhete de cravos com linguas peores que navalhas á sôlta n'um café de lepes.

Mas é tão lindo o seu sonho!—E' tão covarde o orgulho!

N'essas estufas da hypocrisia e do vicio, onde até o soalho é resvaladio e falso, só medram plantas exóticas, que são os estoira-dinhos.

Vive-se a mentir, a envenenar n'essas atmosferas de convenção, a rir, a gracegar, n'um delirio extranho de flores e lama. Planeia-se uma intriga n'um repouso de contradança e marca-se uma entrevista a uma casada, passando, as cartas do voltarete, escolhendo prendas para o jogo do padre cura.

Homens compram-se por um sorriso e acanalham-se por uma promessa condescendente d'amor, porque senhoras mandam nas secretarias do governo e da justiça, se as suas carnes acordam serôdios desejos a conselheiros carecas.

Nos *bondoirs* galantes das munda-danas de preço, entre uma caricia e um beijo, elege-se um deputado e faz-se um par do reino e nas reuniões de sociedade, a um canto do salão, alcaprema-se um imbecil a uma cadeira da Academia e um ladrão a presidente d'associações religiosas.

São estas as elegantes latrinas do vicio, as feiras da ladra da dignidade e da intelligencia.

Quem tem valor, é direito, vae resonar o esquecimento e o abandono no cesto dos papeis velhos,

porque a politica é uma escada de mão por onde sobem os ambiciosos e os vulgares, n'um tropel extranho de embreagados e energumenos.

Sabe-se muito frances e esqueceu-se de todo a moral, a honra do nome, o pudor dos principios.

Por uma farda de ministro atraíção-se um partido e por um punhado de libras vende-se a patria.

N'esta sociedade gasta, mercu-risada, só o imprevisito é capaz de impressionar nervos adoentados de coisas exquísitas, dando-lhes o delirio febril e a vibratibilidade do hysteresmo.

A's cavalleiras do escandalo, n'uma arremettida de epileptico, tenta-se a escalada da immortalidade.

Não vale o estudo, não serve o saber. Busca-se no plebeismo da injuria, fazendo tagatês aos applausos, o effeito facil da oratoria de comicio e degladiam se a murro os que querem o aconchego d'uma legação e a miseria d'uns contos de reis.

E assim, esquece-se a mãe que vae mandando a trouxa da roupa lavada, a pharmacia do gamão e da má lingua, n'esta barafunda da vida.

Vida? Não.

Isto é o liquidar d'um povo, leiloando as consciencias e as tradições, n'uma praça deserta quasi de vontades, de intelligencias e de fé.

Homens? Não. Escravos submis-sos, sem brios, sem coragem, sem nervos, mudos, peiados para o desagravo d'uma affronta, que a vontade d'um senhor a seutalante soldou á sua decadencia vergonhosa.

Isto é a loucura da impotencia, derreada quadrilha de velhos e rheumaticos, dando ás tibias para o compasso da musica.

Não se vive, vegeta-se. Não ha politicos, topamos esfomeados.

46—8—09.

João Madria.

N'um postal

(Inedito)

Todo o passado tem vida
E a alma entristecida
E' elle que dá calor,
O tempo pode passar,
Mas não consegue apagar
Da vida o primeiro amor.

Espinbo—Janciro—909.

Lina X. Castro Soares.

Ovar Historico

—*

Ainda em 1866 o terreno onde assentam agora a typographia «Ovarense» e os predios que, d'um e outro lado d'ella, se estendem até beijar as margens respectivamente esquerda e direita dos dois riachos Graça e Luzes, era leito por onde este derivava as suas aguas até confluir no Graça junto á ponte.

Porém, no verão d'esse anno, por conta da repartição das Obras Publicas, procedeu-se á abertura d'um canal desde a actual ponte de ferro até proximo dos moinhos do Casal, na extensão de 230,5 metros e para elle dirigiram as aguas do Luzes, mudando-lhe assim a corrente.

O traço de leito abandonado foi depois assureado com areias transportadas d'um morro enorme que existia no local onde hoje está situada a praça da hortaliça, isto por conta da Camara, aquem, fôra entregue para logradouro publico no anno de 1867.

Gastou-se em expropriações e trabalho na abertura do novo leito 768\$960 reis.

O leito velho esteve desde então até á ultima decada do século passado patente, sem outra utilização, a toda a immundicie e cacularia que a vizinhança não podia tolerar em casa e no respectivo saguão. Em toda a sua extensão, orlando a margem da estrada, frondejavam grandes eucalyptos e alamos seculares que davam ao local em noites luarentas o encanto da meia sombra, com que se não compadecem as exigencias da civilização moderna que só por muito favor tolera a noite... pela não poder transformar em dia rutilo de sol, mas em extremo grata a almas enamoradas das tristezas suaves e amantes da mais terna e elevada poesia da natureza.

As procissões dos tres dias da semana Santa desprendiam, ao passar ali sob o gemer da brisa nocturna nas copas d'aquelles alamos frondosos, coando os pallidos raios da lua cheia, que lhes batiam pelo lado d'além, todo o seu perfume de religiosidade consoladora, toda a sua uncção de piedade edificante.

Estas arvores permaneceram ali até á recente data do aforamento do velho leito do riacho em pedaços, a varios individuos.

Em 1895, salvo erro, por disposição camararia, foi para ali mudada a praça do peixe que se fazia nos Campos.

Mas pouco tempo lá esteve, transferindo-se então para... quasi todas as praças, ruas e becos da villa, onde V.V. Ex.^{as} podem ter a honra de... saudal-al

Alfredo.

Filtros

—*

Eu acho não sei o quê de magia em teu olhar que ás vezes me faz até d'intimo goso chorar.

E busco a todo o momento que ella em mim poise, querida, essa luz que o firmamento não tem p'ra doirar-me a vida.

E ando assim esquecido, alheado, venturoso na doce luz embebido do teu olhar amoroso.

Mas quando me sinto bem e quando a minha ventura augmenta como eu nem sei, é quando elle me procura.

Porque então é ter a dita de me sentir logo eu em extasis de luz bem dita como a quem se abrisse o ceu.

Porque então tem não sei quê de magia o teu olhar, que me faz rir e até d'intimo goso chorar!...

Goso tão intimo emfim, que dia em que tal magia me não penetre, p'ra mim esse dia nem é dia!...

Mimaltho.

Serenatas

—*

Luar d'Outomno

I

Luar d'Outomno! Parece que nas cordas dos violões Soluça e canta—estremece Um punhado d'illusões.

Illusões da Mocidade,
Sonhos d'Amor e Desejo,
Onde a névoa da Saudade
Deixa o perfume d'um beijo.

II

Luar d'Outomno! As guitarras,
Sob os dedos dos amantes,
Entoam canções bizarras
Em accordes delirantes.

Canções nubladas p'la Dor
Em sons que morrem aos ais:
Velha Crença, antigo Amor
D'alguem que não volta mais.

III

Luar d'Outomno! As amadas,
D'olhos castos, scismadores,
Ao vibrar das guitarradas,
Evocam velhos Amores.

Tudo evoca uma Saudade,
—Amores, sonhos d'outr'ora
Que vão, desde a Mocidade,
Comnôscos p'la vida fóra!

Coimbra, Agosto de 1909.

Fernandes d'Almeida.

Os nossos redactores

Em activa propaganda do nos-
so jornal partiu ha dias para o sul
o nosso director.

Em carta hontem recebida, da-
tada das Caldas da Rainha, diz-nos
elle ter a «Perola» merecido ali
grato acolhimento entre o elemen-
to feminino.

Sem favor!

Ultimada a sua missão nas Cal-
das o outro emporio preferido pa-
ra propaganda será a Figueira da
Foz, depois a Constantinopla do
Occidente: Luzo, com cujas ter-
mas se não parece Bosforo ne-
hum do mundo!

Recolhido a penates com abun-
dante colheita de assignaturas,
dirá elle ao revolver as listas das
que temos cá na parvonia: eterna
verdade é esta: que ninguém é
propheta na sua terra!... Se tudo
isto não fôsse *blague*, menos
que elle por lá anda pelo sul, go-
sando n'uma paz tranquilla de
touriste heroicamente despreocu-
pado de tudo o que não seja pra-
zer, distracção, pandega.

Em melhor vida deu o nosso
redactor principal. Vae caminha-
do já para cinco mezes que se
licenciou para uma excursão pelo
Alentejo, Algarves e Hespanha e
até hoje, passem por lá muito

bem, ainda não appareceu cá no
tonel de Diogenes da Redacção.

Sua falta tem-se feito sentir
muito, mas muito mais sensível
se torna agora que temos o dire-
ctor auzente e o administrador...
com a phylloxera.

Era o que nos faltava: mais
esta fatalidade!

Muito estimaremos que volte
dentre em breve *chacun à sa
place*.



CORREIO DE BORLA

Do nosso presado amigo e col-
lega Rei Pum, recebemos a seguin-
te carta:

Ex.^{mos} Srs.

Em resposta á pergunta
feita no ultimo numero d'«A
Perola», tenho a dizer a V.^{as}
Ex.^{as} que podem dizer a todo
e qualquer charadista o meu
nome ou direcção, pois eu
cá estou para dar a compe-
tente resposta.

Peço a V. Ex.^a o favor de
publicar na secção charadística
d'«A Perola» a carta que
remetto, e que é dirigida aos
charadistas d'esse jornal,
para desfazer certas duvidas
e affirmações ácerca das mi-
nhas charadas.

V. Ex.^{as} podem publicar,
sem receio, todas as minhas
charadas, pois que são ver-
dadeiras e não phantasticas
como dizem alguns charadis-
tas que affirmam uma coisa
de que não reem a certeza.

De V. Ex.^{as}

A.º V. E O.

José Luiz de Caldas (Rei Pum)

Arcos—9—8—909.

Aos Srs. Charadistas

Alguns decifradores d'«A Pe-
rola» affirmaram, segundo diz o
Sr. Arnobio, que a charada «Du-
valia» da qual sou auctor, é de mi-
nha pura phantazia.

Taes decifradores deviam, an-
tes de se esbarrarem n'uma cali-
nada de tal ordem, consultar
os grandes dictionarios ou Ency-
clopedias, e nunca affirmar uma
coisa de que não teem a certeza.

Ora, para esses decifradores e
todos os charadistas, verem que
aquella minha charada não é chi-
merica, bem como todas as pro-
ducções charadísticas que assigno
com o meu pseudonimo, consul-
tem a «Encyclopedia Portugueza
Illustrada» de Maximiano de Le-
mos, 4.º volume, e lá encontra-

rão o seguinte:

A pag. 135, 3.ª columna, 46.ª
linha:

«Duva».—Mythol. scand. A
mergulhadora da vaga agitada, que
se diz filha de Aeger (Oceano) e
de Ban (o Mar)...

E a pag. 137, 2.ª columna,
33.ª linha:

Duvalia. 1 genero d'as-
clepiades-stapelicas, comprehen-

dendo uma dezena de especies de
plantas carnudas....

Como veem esses decifradores
não affirmaram senão um dispa-
rate, dando com as ventas no se-
denho

Vosso collega

José Luiz de Caldas (Rei-Pum)

Charadas em verso

1

(A' gentil E. S. L.)

Já não fallo de amor, que esse malvado
Talvez, sem ter dó, te chame insensata,
Nem eu fui infeliz, nem tu ingrata,
Sendo sempre por ti muito estimado!

Consulta o meu peito grato e mimoso, 2
Puro sacrario de pezares e affectos,
E com os teus olhos lindos e discretos
Consola o meu coração bom e amoroso.

Já não sonho, mulher, senão de amores, 2
Pensando sempre n'esses olhos tentadores
Que extasiam a minha alma dengosa.

O meu coração, thesouro tão sagrado
Por um ditoso affecto está ligado
A' tua alma meiga, mulher formosa!

2

E' costume bastante ancião, 1
Fazer uma festança magana 1
De imponente deslumbração,
Na grande cidade Escocianá.

Arcos.

Rei Pum.

Em phrase

3 Vi um religioso buddhista a
fazer um rapapé, quando visitei a
cidade da Turquia asiatica 2 1

7 Numa cidade da Italia com-
prei a um cavalheiro este carro de
luxo 2 1

4 Na orla d'um rio do Brazil ha
indicio de qualquer desastre 2 1

8 A peregrinação de Méca a
Medina foi feita com sublime exito
pelo Dey d'Argel 1 2

Arcos.

Rei Pum.

5 Na cidade da Colombit é ra-
ramente encontrada uma synago-
ga 2 1

Elasticas

6 Este animal hybrido era mui-
to adorado pelo deus vedico e pela
divindade dos arabes 1 2

9 Esta planta estava n'um can-
teiro de flores 4

10 O globo é um perfeito jar-

A Perola

dim 2		cada na egua nova 3		Paronyma	têm 6
Porto.	Joteba.			19 O furunculo está limpo 2.	Estarreja Arnobio
Ivertidas por lettras		15 Este tambor pertence a um chefe de tribu. 2		Porto. Odevesa	Apocopadas
40 Capital da Yoruba 3					
Arcos.	Rei Pum	16 A felicidade protegia o propheta hebreu 4		Biformes	24 D'uma cidade da Nigricia passa-se com facilidade a um rio do Canadá 2 1
11 O fructo veio d'esta cidade indiana 4	Arcos.	Rei Pum		20 Vi uma especie de lagarta quando visitei a serra do Brazil 4	Syncopada
Porto.	Joteba.			21 Esta antiga maxima moral E personagem sobre-natural 2	Estarreja Dr. Misterio
Homonymicas		17 No condado de Gloncaster toca-se em sua honra o hymno de Apollo (D. P.)		Arcos. Rei Pum	25 3 N'uma cidade da antiga Palestina possui uma elegante habitação 2
42 Ha uma planta cucurbitacea que está sempre em apposição mutua comigo 5	Estarreja	Dr. Misterio		Apheresada	Arcos Rei Pum
Estarreja.	Dr. Misterio			22 Ha uma villa no Peloponeso que tem muita canceira 3 2	Paragogicas
13 Na margem d'um rio da Russia possui uma casa africana 2	Porto.	Joteba.		Estarreja, Dr. Misterio	26 Na cidade da Irlanda é adorada a divindade egypcia. 2
14 Com o cacete dei uma pan-				Mephistophelica	28 Este passaro fabuloso é oriundo d'uma região de Madagascar 2
				23 Virifica a opposição que me	Arcos. Rei Pum

Nova loja de fazendas

DE MANOEL ALVES CORREIA

Rua da Graça

OVAR

N'este novo estabelecimento encontrará o publico um variado sortido de fazendas, taes como:

Pannos crus, riscados, pannos patentes, morins, o que ha de melhor, ultima novidade em flannels d'algodão, sephires setinetas, o que ha de mais chics: cobertores d'algodão, guardasoes para homem e senhora, de fina sêda e alpaca, bengalas (novidade). Um saldo de phantazias ou castelletas e bem assim um grande sortido para estação de verão em cazemiras e cheviotes para factos d'homem, colletes de phantazia, etc., etc.

Tudo por preços baratissimos!

MACHINAS DE COSTURA

As machinas de costura «Original» de Frister Rossmann, rivalisam com todas as outras. Ha tambem machinas e accessorios para as mesmas, a preços muito resumidos.

Unico depositario em Ovar—Americo Peixoto

Concertos gratis a todas machinas compradas n'esta casa

Machinas de costura

As machinas de costura de original Ideal, são as melhores; tanto para coser, como para bordar.

Estas machinas são as mais distinctas que se fabricam na America.

Unico depositario em Ovar
Ludgero Peixoto



Officina de calçado

de

Manoel Rosas

Travessa da Fonte—Ovar

Officina de Carpintaria e Marcenaria

de

José Rodrigues Faneco

Rua dos Ferradores—Ovar

A PEROLA

Jornal litteario—quinzenal

Anno I

Quinta feira 19 de Agosto de 1909

N.º (29)-15

Snr

A-475-Pagou a quantia de cinquenta reis De todos os annos publicados neste jornal por N.º 14 e 15 indico que fica lançado no fim de cada anno e de cada 15 dias.

